

A PRIMEIRA CARACTERÍSTICA DA DIALÉTICA: TUDO SE RELACIONA

(lei da ação recíproca e da conexão universal)

George Politzer, Guy Besse e Maurice Caveing

Trecho do Livro **Princípios Fundamentais de Filosofia**, publicado por Guy Besse e Maurice Caveing, que foram discípulos de Georges Politzer e acompanharam seu curso de materialismo dialético, na Universidade Operária. Obra que se apoia na sua obra original e na experiência dos ensinamentos filosóficos, consideram – em comovente homenagem ao herói e mártir Politzer – que o seu nome, neste livro, figurasse antes daqueles que o redigiram.

Primeira publicação: Junho de 1946. **Publicado no Brasil** 1970 pela Editora Hemus – Livraria Editora LTDA



George Politzer

1. Um exemplo - Um homem de bem participa da luta pela paz: solicita assinaturas para o Apelo de Estocolmo, vende convites para o Congresso dos Povos, entabula, com os companheiros de trabalho, ou com um desconhecido, uma discussão sobre a solução pacífica do problema alemão, sobre a necessidade de pôr fim à guerra do Vietnã ou, ainda, promove, no seu prédio, uma reunião dos locatários, tendo em vista o conagraçamento nacional para a paz.

Alguns dirão: Que é que esse coitado pensa que está fazendo? Ele perde tempo e trabalho. Com efeito, a primeira vista, a ação desenvolvida por esse homem parece absurda: ele não é ministro, nem deputado, nem general, nem banqueiro, nem diplomata. E então?

Entretanto, ele tem razão. Por que? Porque ele não está só. Por mais modesta que seja a sua pessoa, suas iniciativas valem porque não são isoladas. São parte de um conjunto grandioso: a luta mundial dos povos pela paz. Naquele mesmo instante, milhões de homens agem como ele, no mesmo sentido, contra as mesmas forças. Há uma conexão universal entre todas essas iniciativas, que são como elos de uma só cadeia. Há uma ação recíproca entre todas essas iniciativas, uma vez que cada uma ajuda o outro (reciprocidade) com o exemplo, com a experiência, com os revezes e os êxitos. Quando forem confrontadas as iniciativas, ver-se-á que não foram isoladas, ainda que parecessem: tudo se relaciona.



Ruínas da cidade de Hiroshima, no Japão, após os Estados Unidos lançarem uma bomba atômica

Eis um exemplo muito simples, tirado da experiência de cada dia. percebe-se que somente a primeira lei do método dialético é que permite interpretá-lo corretamente. Nele, a dialética se opõe radicalmente à metafísica. É raciocinar como metafísico dizer: "para que tanto trabalho, cansar-se tanto, discutir com tanta gente? A paz não depende da gente simples..." O

metafísico separa aquilo que na realidade não é separável. Em outubro de 1952, tomou parte na Conferência da Ásia e do Pacífico pela Paz, um cientista, Joan Hinton, que tinha participado da fabricação da primeira bomba atômica, em Los Alamos. Ruínas da cidade de Hiroshima, no Japão, após os Estados Unidos lançarem uma bomba atômica

Trabalhei com minhas mãos na primeira bomba lançada sobre Nagasaki. Experimento um profundo sentimento de culpa e tenho vergonha de ter desempenhado tal papel na preparação desse crime contra a humanidade. Por que aceitei tal missão? É que eu acreditava na falsa filosofia da "ciência pela ciência". Esta filosofia envenena a ciência moderna. Foi por causa deste erro que *consiste em isolar a ciência da vida social e dos seres humanos* que fui levado a trabalhar para a bomba atômica, durante a guerra. Pensávamos que como cientistas, devíamos consagrar "à ciência pura" e deixar o resto à competência dos engenheiros e dos homens de Estado. Tenho vergonha de dizer que foi necessário o horror dos bombardeamentos de Hiroshima e Nagasaki, para que eu saísse de minha torre de marfim e compreendesse que não há "ciência pura", que a ciência não tem sentido senão quando serve aos interesses da humanidade. Dirijo-me aos cientistas que nos Estados Unidos e no Japão, trabalham atualmente na fabricação de armas atômicas e bacteriológicas e digo-lhes: "pensai bem no que fazeis."

O metafísico não pensa que aquilo que ele faz se relaciona com aquilo que os outros fazem; tal é o caso desse sábio da energia atômica que, acreditando estar de acordo com o "espírito científico" tinha, na realidade, uma atitude *anticientífica*, porque se abstinha de perguntar a si mesmo sobre as condições objetivas de sua atividade profissional e sobre a utilização de seu trabalho.

Atitudes como essa são muito difundidas. É também tomando outro exemplo, a do esportista que diz em qualquer circunstância "o esporte é o esporte; a política é a política. Eu jamais faço política". É verdade que o esporte e a política são atividades distintas, Mas é falso que entre elas não exista relação alguma. Como poderá o esportista se equipar, se o poder aquisitivo diminui, se está ameaçado de desemprego? Como será possível construir estádios e piscinas, se os orçamentos de guerra devoram as verbas necessárias ao esporte? Vê-se que o esporte está subordinado a certas condições que o metafísico ignora e que o dialético descobre; não há esporte sem verba, não há verba sem um política de paz. O esporte não se separa, pois,

da política. O esportista que desconhece essa ligação não somente deixa de servir à causa do esporte, como se afasta dos meios de defendê-la. Por quê? Porque, não compreendendo que *tudo se relaciona*, não lutará contra a política de guerra, dia virá em que, desejando o esporte, mas sem efetivar as condições das quais ele depende, não terá ele esporte algum; seja, porque a ruína do país tenha liquidado com todo o equipamento esportivo, seja, porque a guerra já tenha estourado.

2. A PRIMEIRA CARACTERÍSTICA DA DIALÉTICA

Em contraposição à metafísica, a dialética olha a natureza não como um amontoado acidental de objetos, de fenômenos¹ destacados uns dos outros, isolados e independentes, mas como um todo unido, coerente, em que os objetos e os fenômenos são organicamente ligados entre si dependendo um dos outros, e se condicionado reciprocamente.

É por isso que o método dialético considera que nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido, quando encarado isoladamente, fora dos fenômenos circundantes; porque, qualquer fenômeno em não importa que domínio da natureza, pode ser convertido num contra-senso quando considerado fora das condições que o cercam, quando destacado dessas condições; ao contrário, qualquer fenômeno pode ser compreendido e explicado, quando considerado do ponto de vista de sua ligação indissolúvel com os fenômenos que o cercam. [Stalin, II, pág. 4.]

O enunciado da primeira característica da dialética mostra o seu caráter geral: ela se verifica universalmente, na natureza e na sociedade.

3. NA NATUREZA - A metafísica separa a matéria bruta da matéria viva, e do pensamento; para a metafísica, aí estão três princípios absolutamente isolados, independentes uns dos outros.

Mas, existirá pensamento sem o cérebro? E o cérebro, sem o corpo? A psicologia (ciência que estuda a atividade pensante) torna-se impossível se ignorar a Filosofia (ciência das funções do ser vivo) que, por sua vez, está estreitamente ligada à Biologia (ciência da vida em geral). Porém, a própria vida é também incompreensível, se ignorarmos os processos químicos²; a Química, por sua vez, quando aborda as moléculas, descobre a estrutura atômica; ora, o estudo do átomo é competência da Física. Se, então, pretendemos descobrir a origem desses elementos que a Física estuda, não será preciso ir às ciências que nos ensinam a formação da Terra? E, daí, ao estudo do próprio sistema solar (Astronomia), do qual a Terra é parte mínima?

Assim, enquanto a metafísica entrava o progresso científico, a dialética se fundamenta cientificamente. Há, sem dúvida, diferenças específicas entre as ciências: a Química, a Biologia, a Fisiologia, a Psicologia têm domínios diferentes, específicos. (Voltaremos a esse assunto.) Mas, nem por isso, as ciências deixam de constituir uma unidade fundamental, que reflete a unidade universal. A realidade é um *todo*. É o que se exprime na primeira característica da dialética. Não será inútil, sem dúvida, esclarecer, com exemplos, o que é *a interação, o condicionamento recíproco*.

Consideremos uma determinada mola de metal. Poderemos considerá-la à parte do universo que a rodeia? Evidentemente que não, uma vez que ela foi fabricada por homens (sociedade), com um metal extraído da terra (natureza). Vamos mais além. Em repouso, essa mola não independe das condições do ambiente: gravidade, calor, oxidação, etc. Essas condições podem modificá-la, não somente em sua posição, mas em sua natureza (ferrugem). Suspendamos na mola um pedaço de chumbo: uma força se exerce sobre ela, e a distende; a forma da mola se modifica até certo ponto de resistência; o peso age sobre a mola; a mola age sob o peso; mola e peso formam um todo; há interação, conexão recíproca. Porém, ainda há mais: a mola se compõe de moléculas ligadas entre si por uma força de atração tal que, além e de certo peso a mola não pode se distender mais, e se quebra: a ligação entre determinadas moléculas foi rompida. Mola não distendida, mola distendida, mola partida: de cada vez um tipo diferente de ligação entre as moléculas. Se a molécula for aquecida, as ligações entre as

moléculas serão modificadas de outro modo (dilatação). Diremos que, em sua natureza e em suas deformações diversas, a mola se constitui por -interação- dos milhões de moléculas de que se compõe. Mas, a própria interação está *condicionada* às relações existentes entre a mola (no seu conjunto) e o meio ambiente: a mola e o meio que a rodeia formam um *todo*; há entre eles, ação *recíproca*. Se esta ação for ignorada, a oxidação da mola (ferrugem), ou a sua ruptura, tornar-se-ão fatos absurdos. Stalin escreveu comentando a primeira característica das dialéticas:

É por isso que o método dialético considera que nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido quando encarado isoladamente, separado dos fenômenos que o rodeiam; qualquer fenômeno, em qualquer dos domínios da natureza, pode ser convertido num contra-senso, quando considerado fora das condições que o rodeiam, se for isolado dessas condições; ao contrário, qualquer fenômeno pode ser compreendido e justificado, quando considerado sob o ângulo de sua ligação indissolúvel com os fenômenos que o rodeiam, se for considerado tal como ele é condicionado pelos fenômenos que o rodeiam. [Stálin, II, pág. 4.]

Um dos exemplos mais significativos de interação é a relação existente entre os seres vivos e suas condições de existência, seu "meio". A planta, por exemplo, fixa o oxigênio do ar, mas, também, lhe dá o gás carbônico e o vapor d'água: interação que modifica ao mesmo tempo a planta e o ar. Este, porém, é um dos aspectos mais simples da ação recíproca entre a planta e o meio. Servindo-se da energia que lhe proporciona a luz solar, a planta opera, com o auxílio de elementos químicos tirados da terra, uma síntese de matérias orgânicas, que lhe permite desenvolver-se. Ao mesmo tempo que se desenvolve, transforma, também o solo, e por conseguinte, as condições do desenvolvimento ulterior de sua espécie. Em resumo, a planta não existe a não ser em unidade com o meio ambiente. Esta interação é o ponto de partida de toda a teoria científica dos seres vivos, porque a é a condição universal de sua existência: o desenvolvimento dos seres vivos reflete as transformações do seu meio de existência. Reside aí o princípio da ciência "mitchuriana", a fonte de seus êxitos. Mitchurin, compreendendo que a espécie viva e o meio são um todo não dissociável, conseguiu, pela modificação do meio, transformar as espécies.

Do mesmo modo, Pavlov não teria podido estabelecer a teoria da atividade nervosa superior, se desconhecesse a unidade indissolúvel do organismo com o meio; a camada exterior do cérebro (córtex) é, precisamente, o órgão onde se realizam os processos da interação nervosa. O organismo todo está na dependência do córtex, mas este também, a todo momento, depende das excitações passadas e presentes provindas do meio exterior (e do próprio organismo). Todos os fenômenos que se realizam no corpo (uma enfermidade, por exemplo) estão subordinados à atividade nervosa superior, que regula as diversas funções, e que não pode ser separada das condições reinantes no meio natural e, para o homem, no meio social.

Esse grande princípio de unidade e integração dos fenômenos sempre foi necessário ao progresso de todas as ciências. Os exemplos poder-se-iam multiplicar. Lembremo-nos da descoberta da pressão atmosférica por Torricelli (1644).



Torricelli

Quando se emborça um tubo contendo mercúrio numa cuba que também contém mercúrio, o mercúrio do tubo não desce abaixo de certo ponto, e se mantém acima do nível do mercúrio da cuba. Esse fenômeno não poderia ser compreendido se o isolássemos de suas condições. Ao contrário, quando se observa a superfície do mercúrio (na cuba) em que o tubo é mergulhado não está isolada, mas em contato com a atmosfera e que há interação entre o que se passa no tubo e as condições ambientes, então surge a explicação: o mercúrio não desce mais no tubo porque o ar exerce uma pressão (pressão atmosférica) sobre a superfície do mercúrio contido na cuba. A cuba, dizia Torricelli, deve ser considerada como se estivesse no fundo de um oceano de ar.

As descobertas científicas não podem ser realizadas, quando há violação da primeira lei da dialética, isto é, se o fenômeno estudado for isolado das condições que o cercam.

IV. NA SOCIEDADE - A metafísica isola os fenômenos sociais uns dos outros; a realidade econômica, a vida social, a vida política são, para ela, domínios separados. No interior de cada um desses campos, ela introduz, ainda, mil subdivisões. O que leva a afirmações como esta: "O governo Americano eletrocuta os Rosenberg, que são inocentes...; isso é uma tolice, um contra-senso." Ao que o dialético responde: essa execução tem sentido; nela se reflete -toda- a política dos dirigentes americanos, política de guerra, que necessita da mentira e do terror.

Para o metafísico, a história das sociedades é incompreensível: é um caos de contingências (isto é, de fenômenos sem causa), de acasos absurdos. Há filósofos (como Albert Camus) que afirmam, exatamente, ser o absurdo a essência do mundo. Filosofia muito proveitosa aos promotores de catástrofes. O dialético sabe que, tanto na sociedade, quanto na natureza, tudo se relaciona mutuamente. Se as escolas desmoronam, não é por imperícia dos governos, é porque sua política de guerra sacrifica, necessariamente, as construções escolares. Como observa Aragon, quando os governos aumentam os meios de morte, restringem os meios de vida. "Tudo depende das condições de lugar e de tempo." A dialética chega à compreensão, à explicação dos fenômenos sociais, porque se relaciona com as condições históricas que lhes deram origem, das quais estão em interação. O metafísico relaciona em abstrato, sem levar em conta as condições de lugar e de tempo.

É assim que alguns creem de boa fé que, em 1944, o proletariado francês, dirigido pelo Partido Comunista Francês, estava em condições de assumir o poder e que, não o tendo feito, "perdeu a vez". Apreciação sedutora à primeira vista, mas errônea. Por quê? Porque arbitrariamente, separa, do conjunto, um aspecto que não tem sentido senão nas suas relações com o todo. Vejamos melhor:

O erro atinge, principalmente, o caráter e as finalidades da Resistência. É do conhecimento de todos que a maior força da Resistência foi a classe operária, dirigida pelo partido revolucionário, o partido comunista. Mas, o objetivo, de Resistência não era a revolução do proletariado, era a libertação do território francês e a destruição do fascismo. Tal objetivo congoçou os franceses de todas as condições (a ponto de dividir a burguesia que, em parte, se

afastou do Governo de Vichi. A Resistência assumiu as formas mais diversas: luta armada, greves operárias, manifestações de mulheres nos mercados, recusa dos camponeses em realizar colheitas, sabotagem (pelos funcionários) do aparelho de opressão de Vichi, lutas dos jovens contra o S.T.O., dos professores, e dos cientistas contra o obscurantismo hitlerista etc. A Resistência foi um *grande ato nacional*. Eis o seu caráter dominante. O mérito dos comunistas franceses consistiu em compreender a situação de seu conjunto; trabalharam pois, na constituição de uma ampla frente nacional de luta contra Hitler e seus cúmplices, e não permitiram que a Resistência degenerasse numa seita divorciada profundamente das massas, do povo francês. Assim, foi possível o inimigo cada vez mais isolado, a insurreição nacional de 1944.

Que teria acontecido se, naquele momento, a classe operária tivesse tentado "fazer a revolução" e "fundar o socialismo"? Se, em 1944, *enquanto prosseguia a guerra contra Hitler*, os comunistas tivessem dito: "Não se trata mais de libertar a França e o mundo dos nazistas, mas de fazer, imediatamente a revolução proletária", teriam provocado o afastamento de milhões de franceses, que estavam dispostos a combater pela liberdade do país, mas, absolutamente, não estavam dispostos a apoiar um movimento revolucionário. Seria um prazer para os hitleristas e seus cúmplices, a burguesia reacionária, os partidos do Governo de Vichi. Sozinha, a classe operária perderia a direção da Resistência, direção assumida à custa de duros sacrifícios. O caminho da ditadura estaria, assim, amplamente franqueado a De Gaulle, auxiliado pelo Exército americano.

Este, na verdade - e é o segundo ponto a esclarecer - não teria desembarcado se as vitórias soviéticas não tivessem tornado inevitável a segunda frente na Europa. A intenção dos dirigentes Americanos era impedir que a queda de Hitler favorecesse o comunismo nos países até então, ocupados pela *Wehrmacht*. Se, desconhecendo essas condições objetivas, a classe operária se tivesse lançado ao assalto do poder, o povo francês teria sido condenado ao massacre: o Exército Americano teria assumido, *desde aquele momento*, o caráter de exército de ocupação, que tem atualmente, e a repressão teria sido feita *com a cumplicidade dos nazistas*, que retornariam para executar novos fuzilamentos em massa. A esperança da Alemanha de Hitler, da grande burguesia alemã, (dos Krupp, por exemplo, libertados depois

graças aos americanos) não era a ruptura do Pacto dos Três Grandes? Desse modo ter-se-ia restabelecido a aliança de Munich, ter-se-ia realizado, em 1944, a Santa Aliança dos burgueses reacionários contra o país do socialismo, contra a União Soviética, que tão decisivo papel havia representado na libertação dos povos. Todo o resultado dos esforços, dos sofrimentos de quatro anos, se afogaria no sangue do povo da França.

Ao contrário, estava em conformidade com o conjunto das "condições circundantes" reivindicar, naquele momento, como o fizeram os comunistas, a liquidação do fascismo, a instauração duma república democrática burguesa. Reivindicação acessível à grande massa do povo francês, realizável e progressiva, até que fosse possível um grande passo à frente. A classe operária encontra, de fato, na república democrática burguesa *as mais favoráveis condições para a luta de classe*, o que explica o impulso do movimento francês nos meses que se seguiram à libertação, impulso que levou os comunistas ao governo e trouxe para o povo o renascimento da economia, a elevação do nível de vida, a segurança social, as nacionalizações, os comitês de empresa, uma constituição democrática, o título eleitoral, a elegibilidade para as mulheres, o estatuto dos funcionários, etc. Desse modo, a classe operária pôde se colocar, em 1947, em melhores condições de luta para enfrentar a contra-ofensiva das forças da reação.

No plano internacional, a manutenção do Pacto dos Três Grandes contra a Alemanha hitlerista, permitiu o *esmagamento da Wehrmacht*. Mas isso não foi tudo: a manutenção desse ponto tornou possível a organização da ONU, os acordos de Potsdam, etc., que, a seguir, deviam constituir obstáculos aos planos do imperialismo americano. O Acordo dos Três Grandes facilitou, ainda, a tarefa das jovens *democracias populares* da Europa, e isto é ponto de máxima importância. Uma política aventureira dos comunistas franceses, em 1944, teria comprometido essas grandes vitórias que enfraqueceram, consideravelmente, o capitalismo internacional. É preciso, sempre, não considerar o movimento operário de um país por si mesmo, *mas em relação à conjuntura política universal*.

Poderíamos analisar muitos outros exemplos que mostram a necessidade de considerar os acontecimentos em sua interação, em sua totalidade, e de jamais separar um fato das "condições que o rodeiam." Limitemo-nos ao exemplo que se segue.

Reivindicar a república democrática burguesa contra a burguesia fascista, é uma reivindicação perfeitamente de acordo com a situação do movimento operário francês hoje. É a reivindicação mais adequada para assegurar ampla adesão popular à classe operária, contra o inimigo principal, a burguesia reacionária, que, para sobreviver, não dispõe de outro recurso a não ser o de sufocar a sua própria legalidade. Mas, endereçar à União Soviética reivindicação semelhante é contra-senso. Por que? Porque se a república democrática burguesa é um avanço em comparação com o fascismo, a república socialista soviética (que assegura aos trabalhadores a propriedade dos meios de produção) é um progresso decisivo, em comparação com a república burguesa. O que, para o povo francês, seria um avanço, seria, para a União Soviética, um retrocesso. O metafísico ignora, presunçosamente, as condições de tempo e de lugar. Ele separa, pois, a democracia, das suas condições; não distingue entre a democracia burguesa e a democracia soviética. E, como não conhece outra democracia que não a burguesa, identifica-a como a Democracia, e reprova a União Soviética, por não ser “uma democracia”. É verdade que ela não é uma democracia burguesa, uma vez que, acabando com a exploração capitalista, ela criou uma democracia nova, que concede todo o poder aos trabalhadores.

Em resumo, o metafísico separa, *abstrai* a forma política, do conjunto das condições históricas que lhe deram origem, e que a explicam. O dialético procura reconhecer essas condições.

V. CONCLUSÃO – Nem a natureza, nem a sociedade são um caos incompreensível: *todos os aspectos da realidade prendem-se por laços necessários e recíprocos.*

Esta lei tem grande importância prática.

É sempre Preciso, pois, avaliar uma situação, um acontecimento, uma tarefa, do ponto de vista das condições que os determinam e os explicam.

É preciso, sempre, levar em conta o que é possível e o que não é. Não se deve tomar os desejos por realidades... Ora, para um revolucionário, antes de mais nada está a constatação dos fatos em toda a sua realidade, em toda a sua verdade... Em dada situação, toma-se tal decisão; uma vez mudada a situação, toma-se decisão diferente da primeira. Bate-se em retirada, se as condições de êxito parecerem insuficientes; vai-se à

luta se, ao contrário, é de se esperar maior possibilidade de vitória num movimento de ataque inesperado. De qualquer forma, não se pode ficar atado a uma fórmula, a uma resolução; não se pode comprometer a tal ponto o nosso movimento³

Esquecer as condições de ação é *dogmatismo*.

É claro que, enquanto o proletariado revolucionário tem o máximo interesse em respeitar esta primeira lei da dialética, a burguesia desejaria esquecer-se dela, porque essa lei se opõe aos seus interesses de classe. Aos que denunciam a injustiça social, ela responde: “É uma imperfeição provisória!” Do mesmo modo, ela classifica as crises econômicas como fenômenos superficiais e momentâneos. E a ciência dialética responde: a injustiça sociais e as crises são efeitos *necessários* do capitalismo.

Os filósofos burgueses adoram a metafísica, que permite fragmentar a realidade e, assim sendo, desnaturá-la, em benefício da classe exploradora. Desde que a reflexão atinja o real, em sua totalidade eles protestam: não é mais jogo, não é mais “filosofia”. A filosofia é, para eles, um classificador, em que cada noção tem lugar determinado; aqui, o pensamento, ali, a matéria; lá, o homem, mais além, a sociedade etc.

A dialética ensina, ao contrário, que tudo se relaciona. Por conseguinte, nenhum esforço é inútil para a realização de um objetivo. Quem combate pela paz sabe que a guerra não é fatal, porque qualquer ação contra a guerra é uma ação válida, é uma ação que prepara a vitória da paz.

Eis, porque, armado, com a dialética, o revolucionário militante tem elevado senso de suas responsabilidades: nada abandona ao acaso, dá a cada esforço o preço justo.

Esta compreensão total da realidade permite ver longe. Dá uma coragem indômita, a tal ponto que o filósofo dialético, V. Feldmann, fuzilado por soldados alemães, pôde gritar-lhes, antes de tombar: “*imbecis, é por vocês que morro!*”

E ele tinha razão; ele lutava tanto pelo povo alemão quanto pelo povo francês, porque *tudo se relaciona*



www.averdade.org.br

¹ Entende-se por fenômeno toda manifestação das leis da natureza (uma pedra que cai, água que ferve) ou das leis da sociedade (uma crise econômica).

² Não dizemos que a vida se reduz a processo químico; seria uma afirmação antidualética. Voltaremos posteriormente a esse assunto. Não dizemos também que a atividade do pensamento se reduz à filosofia. Dizemos: não há pensamento senão no ser vivo; não há ser vivo, não há organismo sem universo físico-químico.

³ M. Thorez: “Discours au III Congrès de Fédération Unitaire des Travaileurs du Sous-sol” (1924) citado em *Fils du Peuple, Éd. Sociales, Paris, 1949* pág. 43.